RUDOLFO LAGO

Jornalista e comentarista de política

Xandão pode ser um calo para Alcolumbre, aposta Tereza

Nem o anúncio oficial do PP de apoio a Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) nem a proximidade com Rogério Marinho (PL-RN) no campo da oposição tiram a disposição da senadora Tereza Cristina (PP-MS). Ela segue no páreo para presidir o Senado no ano que vem.

Sobre o anúncio do PP, ela diz ter sido posição do presidente do partido, Ciro Nogueira (PI), sem consultar a bancada. Sobre Marinho, ela acredita ter mais votos do que ele. Talvez, inclusive, dentro do próprio PL. Há quem acredite que pode até ser o caso de Michelle Bolsonaro, eleita pelo PL para o Distrito Federal. Chamou a atenção o fato de Michelle não ter participado do lançamento oficial da candidatura de Marinho.

Assim, Tereza Cristina acredita que toda essa história só será mesmo definida no ano que vem. Depois do recesso no fim do ano, o Congresso só retoma as suas atividades em fevereiro. E somente aí acontecerão as eleições para os novos presidentes da Câmara e do Senado. A senadora acha que as definições de candidaturas só irão mesmo se dar bem próximo dessa data.

Até lá, a senadora não crê que a disputa já seja um jogo jogado para reeleger Davi Alcolumbre, por mais que ele esteja angariando apoios e costure a simpatia do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que vai para o seu quarto mandato. Há um fator que pode fazer com que as costuras feitas por Alcolumbre acabem se revelando um tiro pela culatra contra ele. Esse fator responde pelo nome de Alexandre de Moraes.

Nas conversas que vem fazendo, Alcolumbre ensaia um projeto de pacificação política pelo qual se daria, por um lado, um perdão ao ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado e em prisão domiciliar por tentativa de golpe de Estado. Pelo outro, seria feita uma reforma do Judiciário, mas preservando os atuais ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) – e, no caso, especialmente Moraes – de processos de impeachment.

É por aí que os apoios a Alcolumbre podem desandar. Livrar de saída a cara de Alexandre de Moraes nesse projeto de pacificação não é algo que os senadores de oposição aceitem sem reagir. O que se escuta nos corredores do Senado é que eles gostariam ao menos de tentar o impeachment – instalar o processo e ver o processo votado.

Nessa mesma linha, há situações que podem fragilizar a tentativa de reeleição de Alcolumbre. Situações que poderiam fazer parecer que a blindagem dos ministros do STF seja algo relacionado aos riscos de investigações contra o próprio Alcolumbre. Por que ele decretou sigilo de 100 anos sobre as visitas Antônio Carlos Antunes, o "Careca do INSS", ao Senado? Há uma investigação em curso contra um assessor de Alcolumbre, Paulo Boudens. Há citações também no Banco Master. Há ainda outros pontos nas avaliações de Tereza Cristina. Deixaremos para segunda.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

O folhetim de Lula com o Centrão

Reeleito, Lula (PT) começou a ensaiar o mais previsível dos rituais que marcam o período que antecede à posse de cada presidente: o de fazer carinhos no Centrão.

Eleito em 2018 ao som do "Se gritar pega Centrão/ Não fica um, mermão", Jair Bolsonaro, no início de seu mandato, tentou fugir da sina ao se articular com as chamadas bancadas temáticas da sigla BBB (boi, bala e bíblia), mas, isolado, teve que se render ao grupo que manda no Congresso.

Estender o tapete para o Centrão é inevitável. Apesar do crescimento do PL, que elegeu 121 deputados (131, contados os dez do Novo), o bloco de direita e de extrema direita terá cerca de 25% da Câmara, praticamente o mesmo percentual dos partidos de esquerda.

Já os partidos que não têm qualquer tipo de amarra ideológica voltaram a garantir nas urnas quase metade do plenário para seus deputados. União Brasil, PP, Republicanos, PSD, MDB, Podemos e outras siglas que dançam pra lá ou pra cá continuarão a mandar no pedaço.

Assim como fez outras três vezes, Lula mandou dizer que vai exigir fidelidade para o amor em forma de cargos e privilégios. Mas ele sabe que não será atendido: a precariedade do sistema político brasileiro permite com que, nessas agremiações nem-nem, cada deputado seja seu próprio partido, vote de acordo apenas com seus interesses.

O pior é que o crescimento de emendas de execução obrigatória diminuiu o poder de sedução dos presidentes. Parlamentares não se entregam mais por pedra falsa, sonho de valsa ou corte de cetim.

Vingou o exemplo de Severino Cavalcanti, o presidente da Câmara que, em troca de apoio ao governo, queria mandar num naco da Petrobras, mas só aceitava a prenda caso pudesse indicar diretor da área responsável por furar poço e achar petróleo: nada de coisa à toa, uma noitada boa, um cinema, um botequim.

O mapa que se desenha para 2030 complica a situação do governo. A segunda derrota consecutiva do bolsonarismo, a fuga de Flávio para os Estados Unidos e o ótimo desempenho de Tarcísio de Freitas em São Paulo apontam para a possibilidade de a direita não extremista entrar de maneira pesada na disputa pelo Planalto, o que embala ainda mais os sonhos do Centrão, grupo que detesta radicalismos.

Lula sabe que precisa ceder para conseguir apoio na Câmara e no Senado. Embalado pela virada histórica no segundo turno, pela inédita mobilização popular e favorecido pela trapalhadas do adversário que derrotou, o presidente chega forte ao quarto mandato, ainda que minado por setores do tal do mercado que apostaram tudo em seu fracasso eleitoral.

Ele sabe que o caminho que leva ao Centrão é cheio de riscos, como os materializados nos Mensalão e no Petrolão, escândalos que envolveram diversos partidos mas que ficaram marcados feito tatuagem no PT.

Vai ter que dançar conforme a música e, ao mesmo tempo, preservar os pés de pisadas dos aliados de ocasião, que usam espinhos afiados e cheios de veneno na sola de suas chuteiras.

EDITORIAL

O desafio de construir um Governo em Israel

A formação de um novo governo em Israel deverá ser muito mais complexa do que a simples soma de cadeiras no Parlamento. Para Benjamin Netanyahu e Gadi Eisenkot, o desafio será construir uma maioria capaz de conciliar interesses políticos, divergências ideológicas e, sobretudo, uma sociedade profundamente dividida pelos conflitos internos e externos que marcaram o país nos últimos anos.

Netanyahu chega a essa etapa carregando o peso de um longo período no poder, das controvérsias em torno de sua liderança e das críticas à condução da guerra e da política de segurança. Sua capacidade de reunir aliados continuará dependendo da disposição de partidos religiosos e nacionalistas em preservar uma aliança que, embora numericamente importante, apresenta contradições e interesses particulares difíceis de acomodar.

Eisenkot, por sua vez, representa a principal alternativa ao atual primeiro-ministro, mas também enfrenta obstáculos consideráveis. Embora tenha recebido o apoio de 67 parlamentares nas consultas conduzidas pelo presidente Isaac Herzog, esse número reúne forças políticas com posições bastante diferentes. O bloco oposicionista, que conquistou 48 cadeiras, precisa encontrar uma fórmula para governar com os 19 representantes dos partidos árabes, cuja participação ou apoio externo provoca resistência em setores da própria oposição.

O impasse é particularmente delicado porque Eisenkot precisa conciliar as posições de lideranças como Naftali Bennett e Avigdor Liberman, que rejeitam uma aliança formal com os partidos árabes, com a necessidade de construir uma maioria parlamentar. Outra possibilidade seria atrair partidos ultraortodoxos, mas isso exigiria concessões justamente em questões como o serviço militar obrigatório, uma das principais bandeiras de sua campanha.

Netanyahu, apesar de ter perdido a maioria, não está politicamente derrotado. Seu partido, o Likud, conquistou 27 cadeiras, e seu bloco soma 53 parlamentares. A decisão de um partido ultraortodoxo de não recomendar nenhum dos candidatos, entretanto, enfraqueceu sua posição. O primeiro-ministro ainda pode explorar as divergências entre os adversários e apostar no fracasso das negociações para tentar permanecer no poder ou provocar uma nova eleição.

O desafio de Eisenkot será demonstrar que consegue transformar uma maioria circunstancial em uma coalizão funcional. O de Netanyahu será evitar que o desgaste de sua liderança e as disputas com antigos aliados inviabilizem sua permanência. Em qualquer cenário, a estabilidade do próximo governo dependerá da capacidade de enfrentar questões que dividem profundamente Israel: a segurança nacional, a relação com os palestinos, o futuro da guerra em Gaza, a reforma do Judiciário e a distribuição das obrigações militares.

Mais do que uma disputa entre dois líderes, o momento representa uma escolha sobre os rumos políticos de Israel. Uma nova eleição, depois de tantas dificuldades para formar maiorias, apenas prolongaria a instabilidade. O país precisa de um governo que tenha legitimidade parlamentar, capacidade de negociação e condições de reconstruir a confiança da sociedade em suas instituições. A aritmética eleitoral abriu uma oportunidade de mudança, mas ainda não garantiu que ela seja politicamente viável.

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-202

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal